



ID: 51541433

29-12-2013

Gente que deu nas vistas Maria da Glória Garcia

No balanço de um ano em que a Universidade Católica teve mais motivos para sorrir do que o País em geral, em particular pelo reconhecimento internacional das suas ofertas em Gestão e Direito, a reitora Maria da Glória Garcia fala com o DN sobre os novos desafios da instituição mas também sobre o momento que o País e a Europa atravessam. A jurista considera que não antecipámos a crise. Mas acredita que a cultura europeia nos ajudará a prevalecer

“Vamos ultrapassar as dificuldades que vivemos”

PEDRO SOUSA TAVARES

O ano de 2013 foi difícil para o País e para o ensino superior em particular, mas acabou por ser muito positivo para a Universidade Católica. Com a entrada no top 25 de cursos de Gestão do *Financial Times*, com bons resultados também ao nível de Direito, pode dizer-se que este foi um ano de afirmação internacional da universidade?

Exatamente. É qualquer coisa que se iniciou há algum tempo e que começa a dar frutos. Quando se está entre as melhores universidades da Europa e do mundo, isso não acontece apenas num ano. Trabalha-se para isso durante muitos anos e depois colhe-se os frutos.

Nomeadamente na Business School, que tem subido ano após ano nesses rankings?

A Business School tem uma característica muito particular. Fomos a primeira universidade a oferecer um curso de Gestão e Administração de Empresas, em 1971/1972.

A Global School of Law também nasceu com esse pioneirismo: introduzimos em Portugal uma escola de Direito global. A Global School nasceu em 2009 e, pelo quarto ano consecutivo, o

Financial Times a distingue-a como uma das mais pioneiras no quadro europeu.

Atingido esse patamar, quais são os grandes desafios de futuro?

Eu diria que colocar a universidade no topo dos rankings, não apenas como escola de negócios e através da Global School of Law, mas a universidade no seu todo. É uma universidade com uma grande complexidade, desdobra-se pela sede e pelos vários centros regionais, tem inúmeras faculdades, inúmeros cursos a funcionar nos seus diferentes ciclos. É nessa complexidade toda que gostaria – sabendo que é um objetivo que vai levar muito tempo a atingir – de fazer muito mais do que a soma das partes. Claro, à sua dimensão. Estamos a falar de uma universidade que ronda os 11 mil alunos. Só para ter uma ideia, o Minho tem 18 mil e a atual universidade de Lisboa, depois da fusão, tem cerca de 40 mil. Mas há rankings



Maria da Glória Garcia é a primeira mulher a liderar a Católica

DESEJO PARA 2014
“É um cliché, mas o desejo de ser feliz acompanha o homem desde o nascimento. **Gostava que as pessoas se sentissem felizes**”

DESEJO PARA 2014
“Gostava que as sociedades sentissem a **democracia de forma mais participativa**. O cidadão tem de se sentir parte da decisão.”

para universidades que ainda não chegaram aos 50 anos, como a nossa.

O momento que o País vive afeta a universidade, a procura de alunos?

Claro. A instituição sofre com a vivência nacional e internacional. A começar, diria, pela própria estrutura organizativa e por aquilo que é o seu *staff*. Estamos a conter salários já há algum tempo e isso para nós, pode imaginar, é penoso. Gostávamos de premiar quem nos ajudou a entrar nestes rankings internacionais, em que, para atingir este nível de excelência, é preciso trabalhar muito e afinadamente. Gostávamos de premiar adequadamente esse esforço, mas não podemos. Mas isso não significa que não tenhamos sonhos. O tempo que vivemos é também de sonhos. Em relação aos alunos, temos verificado que graças ao grau

de qualidade que percecionam ao nosso ensino não tem diminuído a procura. Há porventura desvios interessantes sobre os quais estamos a refletir, como as licenciaturas terem menos procura para terem mais procura os mestrados e os doutoramentos. E estamos a perceber uma outra realidade, na qual temos vindo a apostar, que é a internacionalização.

Portanto, a universidade pensa global. Pensando global, como vê a evolução do País e da Europa no próximo ano?

No próximo ano é um curtíssimo prazo. Olhemos para o curto e médio prazo. Eu sou uma pessoa otimista. Os meus colegas e amigos consideram-me uma pessoa otimista e, olhando para aquilo que é a cultura europeia, conhecendo a sua história, eu diria que não há

DESEJO PARA 2014
“A rede de ensino superior em Portugal tem de ser reequacionada e **reorganizada**. Perdemos demasiado tempo, há desafios tremendos.”

PERFIL MARIA DA GLÓRIA GARCIA

Reitora da Universidade Católica

→ A primeira mulher a desempenhar o cargo de reitora da Universidade Católica Portuguesa, sucedendo a Manuel Braga da Cruz, Maria da Glória Garcia, nascida em 1953, é fundadora da Sociedade Europeia de Direito Público (SIPE) e chegou a ser indicada pelo PSD para o cargo de provedor de Justiça, que veio a ser ocupado por Alfredo José de Sousa. Escolhida para preparar a universidade para enfrentar “novos desafios” em “tempos de crise”, a jurista e académica é reconhecida pelos seus pares pela sua atitude otimista e proativa face aos desafios. Este ano viu a escola de negócios da Católica entrar no top 25 do *Financial Times*, com a “sua” escola de Direito, igualmente destacada pela inovação nos rankings internacionais.

que ter receio, não há que ter medo.

Essa cultura e história não impediram a atual crise. Está convicta de que aprenderemos?

Digamos que não nos preparámos para o momento que estamos a viver.

A partir deste momento, temos de ter mais cautela nas decisões que temos de tomar em conjunto, analisar mais profundamente as suas consequências. Vivemos realmente um momento de muita complexidade e em que muda tudo muito rapidamente. E não nos apercebemos de que ele chegaria, apesar de termos hoje pessoas muito mais preparadas do que tínhamos há 20, 30, 40 anos. Elas não estavam preparadas para esta aceleração do tempo.

A crise apanhou-nos de surpresa?

Mergulhámos num tempo de crise sem nos termos preparado. Havia sempre um ou outro alerta, mas eram vozes a pregar no deserto. Os erros, tem de se aprender com eles, para que não se repitam. Hoje, considero que ninguém deverá, ao tomar decisões e acima de tudo decisões que afetam a vida das pessoas, fazê-lo sem a devida precaução. A precaução é um valor a partir de agora. Temos de ser muito mais informados, fazer muito mais estudos sobre as consequências dos nossos atos. E tudo isto me leva a dizer que vamos aprender com os erros que cometemos. Vamos ultrapassar seguramente as dificuldades que estamos a viver.



■ **Maria da
Glória Garcia**
Reitora da
Universidade
Católica Portuguesa